

Ex-presidente dá uma pausa no anonimato

FHC deixa a rotina do metrô, das leituras e dos projetos nos EUA e vem receber prêmio com Lula

PAULO SOTERO

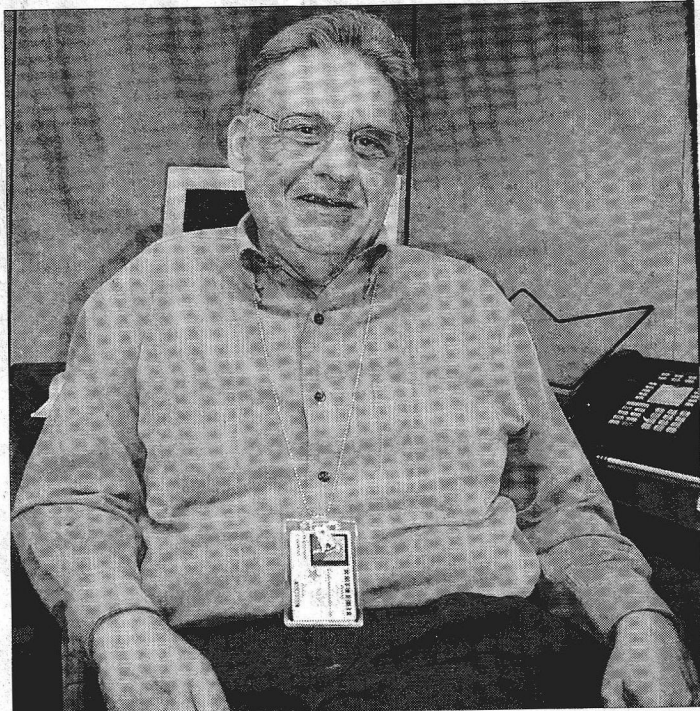
Correspondente

WASHINGTON – Há um ano longe do poder, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso – que hoje retorna pela primeira vez a Brasília para receber o prêmio de “destaque político do ano” dado pela Universidade Notre-Dame – tem uma vida bem parecida com a do professor que ele foi antes de entrar na política. O relativo anonimato de que desfruta o faz viver situações que o divertem. Em setembro, o motorista do carro que o levava à Universidade Brown, em Providence, Rhode Island, perguntou-lhe: “O senhor sabe que um ex-presidente do Brasil está dando aula aqui?” Semanas depois, ele foi abordado por uma jovem numa lanchonete da Biblioteca do Congresso, na capital americana. “De onde o senhor é?”, perguntou. “Do Brasil”, ele respondeu. “Então, o senhor é o...” – e ele confirmou: “Eu mesmo.”

Episódios como esses já aconteceram mais de uma vez no metrô de Washington, que FHC e sua mulher, Ruth Cardoso, usam para ir do apartamento de quarto e sala, no centro da cidade, até o John W. Hughes Center, na Biblioteca do Congresso. Em salas contíguas reservadas a um superseleto grupo de intelectuais e pesquisadores, eles refletem, escrevem e compartilham suas experiências com colegas dos EUA e do mundo.

“Minha decisão e da Ruth foi sair do mundo oficial e voltar a ser cidadãos”, disse o ex-presidente, em sua sala no Kluge Center, exibindo o crachá de “scholar”. “Não tem sentido levar a vida toda pensando no que já foi. É melhor tentar manter um estilo de vida que corresponde ao que você é.”

Um ano depois de deixarem o Palácio da Alvorada, os dois estão mergulhados no mundo das idéias. Professora aposentada da Universidade de São Paulo, Ruth escreve um livro em que examina as mudanças metodológicas na aplicação de política sociais à luz da experiência do Comunidade Solidária, que comandou.



FHC com crachá de pesquisador: ‘Decisão foi de sair do mundo oficial’

O ex-presidente trabalha em um livro sobre seu governo. “É de análise política, sobre a política da implementação, o processo de tomada de decisões, os preconceitos, as condições, as dificuldades que envolve”, explica. A obra, que sairá pela Editora Record, examinará temas e momentos importantes, como o lançamento do Plano Real. “A idéia é explicar como e por que, apesar de tudo estar contra, o Plano Real deu certo.”

Outro capítulo examinará “os donos do poder”. O foco será a ação de partidos, juizes, lobbies, do Congresso e dos demais atores que “impõem limites ao chefe de Estado”. O papel dos intelectuais e da cultura no processo de reformas é tema do terceiro capítulo. Não se trata de um livro de memórias. A história de seu governo é tarefa que ele deixará a outros.

Novo livro – Uma conversa com o editor americano Peter Osnos, interessado em publicar em inglês a obra que está escrevendo, resultou num novo projeto: um livro para explicar o Brasil aos americanos. Antes disso, FHC pretende fazer “uma releitura anotada” do *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, que escreveu com Enzo Faletto.

O reencontro de FHC com a vida de intelectual tem sido mais agitado do que ele gostaria, mas, nem por isso, menos compensador. A agitação deve-se aos convites que aceitou para ocupar postos em sua condição de ex-estadista, em parte para garantir seu sustento. Ele ocupa a presidência de uma comissão da ONU sobre a sociedade civil e do Clube de Madri. É copresidente do Diálogo Interamericano e tem postos nos conselhos do Instituto de Estudos Avançados de Princeton e da Fundação Rockefeller.

O plano para 2004 é reduzir os compromissos e concentrar-se nas atividades que lhe dão mais satisfação. Passará alguns meses

“ Não tem sentido levar a vida pensando no que já foi. É melhor tentar manter um estilo de vida que corresponde ao que você é ”

Fernando Henrique Cardoso

nas Universidades Brown e em Harvard. Em março, estará em São Paulo, para cuidar do Instituto Fernando Henrique Cardoso. O IFHC inspira-se na Fundação Mario Soares, centro de pesquisa criado pelo ex-líder português com os arquivos dos períodos em que foi chanceler, primeiro-ministro e presidente. “Acho importante voltar a ter uma vida intelectual ativa e criar a figura do ex-presidente”, diz ele.